



UniCEUB

Centro Universitário de Brasília

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

GABRIELA AGUIAR GENGNAGEL

LUÍS CARLOS DA SILVA FILHO

Ginástica Artística e a Psicomotricidade no Ambiente Escolar

Brasília

2020

GABRIELA AGUIAR GENGNAGEL

LUÍS CARLOS DA SILVA FILHO

Ginástica Artística e a Psicomotricidade no Ambiente Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

BRASÍLIA
2020

GABRIELA AGUIAR GENGNAGEL

LUÍS CARLOS DA SILVA FILHO

Ginástica Artística e a Psicomotricidade no Ambiente Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial à obtenção do grau de LICENCIADO em Educação Física pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

BRASÍLIA, 22 de junho de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dra. Renata Elias Orientador

Prof. Me. Sérgio Adriano Gomes Membro da banca

Prof. Me. Hetty Lobo Membro da banca

RESUMO

A Ginástica Artística (GA) é um esporte admirado por inúmeros telespectadores, devido à suas diversas acrobacias e saltos que aparentam grande grau de dificuldade para a execução e permite que os praticantes estejam constantemente desafiando as leis da física. Embora seja um esporte de alto rendimento, iniciado ainda na infância, a GA tem sua vertente como atividade escolar e esta pode ser incluída nas aulas de Educação Física como forma de explorar diversas habilidades e capacidades das crianças. Dentre os benefícios da atividade no ambiente escolar, destaca-se o a exploração motora, a alta concentração e disciplina, a noção espacial e a autonomia desenvolvida pelas crianças. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi mostrar os benefícios da aplicação do conteúdo de Ginástica Artística no ambiente escolar, durante as aulas de educação física, tendo em vista o desenvolvimento psicomotor dos estudantes. Concluiu-se por meio deste, que a eficiência desta modalidade como ferramenta de estímulo ao desenvolvimento dos alunos não tem ligação apenas com os aspectos motores, a GA também contribui com os aspectos psicoemocionais, trabalhando com as crianças a superação de riscos, a autoconfiança e a autoestima.

Palavras-chave: Ginástica Artística. Educação Física. Psicomotricidade.

1 INTRODUÇÃO

A psicomotricidade está relacionada às áreas da Psicologia, Educação Física, Biologia, entre outras, com o objetivo de estudar os movimentos do desenvolvimento dos indivíduos (OLIVEIRA;SOUZA, 2013). Por meio de elementos básicos, a psicomotricidade visa trabalhar de forma conjunta o corpo e a motricidade humana, sendo o indivíduo e suas relações com o próprio corpo nos âmbitos emotivos e perceptivos, simbólicos e cognitivos os objetos de estudo (NEGREIROS, SOUZA; MOURA, 2018).

O estímulo por meio de atividades psicomotoras, desde o nascimento até as primeiras idades, por um educador irá colaborar para a maturação da criança do ponto de vista linguístico, sócio afetivo, motor e lógico-matemático. A educação psicomotora vem para ajudar a melhorar práticas pedagógicas, pois colabora para o desenvolvimento e formação do ser humano de forma completa, uma vez que os movimentos são resultado de uma ação de relação entre o cérebro e o corpo (JESUS; DANTAS; BEZERRA, 2017).

O desenvolvimento motor não acontece de forma natural e também não possui uma progressão padrão para todo mundo, ou seja, cada indivíduo se desenvolve em um determinado tempo e de maneiras diferentes. Este desenvolvimento depende ainda do meio em que se insere o indivíduo e dos estímulos a ele dados (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

(Martins, 2001) demonstra que a psicomotricidade funcional com a ajuda de bases teóricas da neuroanatomia funcional, compreende o desenvolvimento psicomotor. Existindo uma concepção de que o processo de desenvolvimento humano é decorrente dos processos de maturação.

Como estratégia pedagógica esta prática utiliza exercícios de aprimoramento dos diferentes fatores psicomotores (tonicidade, equilíbrio, esquema corporal, etc).

NEGRINE (2002) refere que a psicomotricidade funcional se relaciona também com determinadas estratégias pedagógicas voltadas

para a correção. Um gesto motor que não corresponde a solicitação do professor é considerado errado, criando inibições e resistências psicomotoras no aluno.

A psicomotricidade relacional é definida como uma motricidade relacionada a valorização e os aspectos emocionais (VIEIRA, BATISTA, & LAPIERRE, 2005)

Encontram-se métodos não diretivos utilizando a imaginação e a criatividade como prioridade no desenvolver de um jogo, relacionando o indivíduo com um todo em um espaço lúdico, permitindo que ela exteriorize as suas emoções, interaja com o ambiente, com os objetos e com outras pessoas. (LE BOULCH, 1988; NEGRINE, 1995).

As crianças estão aptas a explorarem o potencial de movimento de seus corpos entre os 2 e 7 anos de idade, fase em que por meio da locomoção, estabilização e manipulação elas aprendem a lidar com o ambiente que as cercam e por isso muitos professores se utilizam de esportes para dar estímulos necessários (ANDRADE, et al., 2016).

A Ginástica Artística (GA) fora do ambiente do alto rendimento pode desenvolver atividades que melhoram a integração social, disciplina, responsabilidade, coordenação, flexibilidade, equilíbrio, consciência corporal, entre outras habilidades e capacidades (BEZERRA; FILHO; FELICIANO, 2006). Portanto, as inúmeras habilidades trabalhadas na GA permite aos praticantes uma melhora nos aspectos psicológicos e motores em geral (SANTOS, et al., 2015).

Sendo assim, a atividade GA foca no desenvolvimento de habilidades motoras através de movimentos ginásticos. Para iniciar esta atividade não existem pré-requisitos, a preocupação do professor de Educação Física que lida com a prática desta modalidade não deve ser no desempenho e sim no processo de aprendizagem. Neste sentido, o ensino enfatiza aspectos lúdicos de caráter formativo (LOPES; OLIVEIRA; NUNOMURA, 2016).

Com isso, o objetivo do presente estudo é mostrar através de um estudo bibliográfico, os benefícios da aplicação do conteúdo de Ginástica Artística no ambiente escolar, durante as aulas de educação física, tendo em vista o desenvolvimento psicomotor dos estudantes.

2 Metodologia

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica de artigos e livros, caracterizando este trabalho como uma pesquisa de natureza exploratória. Foram identificados artigos e/ou trabalhos científicos publicados em periódicos relevantes, disponíveis para consulta em base de dados, tais como, Scielo, google acadêmico, ou nos portais específicos de alguns periódicos. As palavras; desenvolvimento motor, desenvolvimento psicomotor, Educação Infantil, criança e Ginástica Artística, foram utilizadas como chave de pesquisa. O tema do presente trabalho é “A Ginástica Artística e a Psicomotricidade no ambiente escolar”.

Foram coletados dados em livros e artigos publicados em periódicos científicos acerca da temática citada acima. A análise dos dados incluiu publicações produzidas no período de 1978 a 2019.

Para este estudo foi realizada uma leitura exploratória de materiais bibliográficos, como: artigos, revistas, livros e sites, relacionados com os benefícios da dança no envelhecimento, possibilitando ao pesquisador obter uma visão global dessa área de conhecimento.

Após a leitura exploratória foi realizada uma leitura seletiva do material, verificando a relevância dos achados.

Após a leitura seletiva, foi realizada uma leitura analítica por meio dos materiais selecionados na leitura seletiva.

O processo de leitura dos materiais foi finalizado por meio de uma leitura interpretativa objetivando relacionar a temática proposta com o objetivo da pesquisa, possibilitando a construção de idéias próprias.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Desenvolvimento Motor

Gallahue e Ozmun (2005) afirmam que um crescimento motor modificado de forma contínua resulta numa mudança motora durante todo o ciclo da vida.

Depois do nascimento a evolução motora começa a aparecer de forma significativa, começam a arrecadar estímulos para o crescimento. Quanto mais superior os estímulos, maior as possibilidades de maturidade, a relação com o exterior, como percepções e reflexos dão possibilidades de crescimento, adquirindo deslocação e compreensão do que está se expressando.

Blumer e Borges (2010) mostram que, depois do nascimento que a criança começa seu andamento de informação sobre o ambiente. Além do ambiente e as expressões, possibilidades e adaptações do seu próprio corpo. E assim se destaca a psicomotricidade como uma ferramenta que cuida do “movimento organizado e integrado” e procura as ocorrências já vivenciadas para obter uma resolução de “individualidade, linguagem e socialização”

Camargo (1994) afirma que a criança por si só estimula a deslocação, o que nos leva a assegurar que, se não existisse o movimento, este nasceria forçosamente a partir da música. A esse apreço, torna-se autêntico a ideia que nos certifica que as aulas na Educação Infantil com privação da música parecem-nos como dançar sem seguimento musical.

O som possui elementos contribuintes para o progresso da psicomotricidade e a incorporação do ser, por fim desempenha dever essencial na educação, um bem cultural que possibilita a maneira de aprendizagem.

O desenvolvimento até certa fase de sua vida será notável pelos ambientes que conheceu: vivências familiares e outros ambientes, contudo se a criança atinge a idade de ir para o colégio é a época na qual será incluído milhões de estímulos para um crescimento completo, estará

cercada de profissionais acompanhando o seu método de desenvolvimento.

Após a nascença, a progressão do cognitivo continua conectado à genética, às manifestações do ambiente e o comportamento da pessoa. A junção de amadurecimento do sistema nervoso e de respostas motoras às obrigações de adaptação promove desenvolvimento e define sua habilidade de aprender.

Rodrigues(1989) afirma, durante a obra do seu 'eu corporal' é curioso constatar que para cada nova sensibilidade há uma reação motriz distinta, assim não é praticável separar o psiquismo da motricidade. O desenvolvimento infantil está interligado junto ao desenvolvimento do sistema nervoso. portanto é fundamental compreender o movimento infantil como um idioma, deixando que ela seja livre intimamente ao ambiente, propiciando a ela a oportunidade de mudar, ajustar, relacionar-se e criar.

A mudança da capacidade atlética das crianças deve ser apropriada à idade, o tempo aumentará o desafio de estimular novos movimentos, mas tudo deve ser adequado à idade e não pode exceder sua capacidade de resolver (DOHME, 2003)

Em geral, para entender melhor as crianças e ser capaz de avaliar ferramentas de segurança para medir, examinar e analisar o crescimento de alunos em diferentes estágios de evolução, estuda-se a capacidade atlética das crianças (ROSA NETO, 2002) Existem muitos modelos que podem julgar o desenvolvimento motor das crianças, mas nenhum deles é perfeito ou integra de maneira abrangente todos os aspectos do desenvolvimento.

De acordo com "Parâmetros Curriculares Nacionais" (1997), as críticas devem ser um momento apropriado para estudantes e professores, para que ambas as partes possam apreciar o progresso e as dificuldades no processo de ensino. Segundo o PCN, as precauções incluídas nesta dimensão se concentram em alguns testes de força,

resistência e flexibilidade, medindo apenas a aptidão física do aluno. Como essa habilidade pode ser usada com sucesso como método de avaliação, deve-se considerar que cada pessoa é única, possui motivação e possibilidades pessoais e deve ser determinada de acordo com a situação específica e combinada com seu conteúdo e objetivos. Ele lida com avaliações tradicionais, que esperam que todos tenham os mesmos resultados. Isso significa que, para um dos quatro exemplos, se um dos pontos principais é que o aluno conhece algumas de suas limitações e possibilidades, as críticas à particularidade física serão relevantes para que o aluno possa entender sua posição direta e ter esse tipo de comunicação para projetar metas e melhorar seu desempenho.

Acredita-se que, devido às habilidades adquiridas, a capacidade atlética da pessoa tenha sido aprimorada independentemente da velocidade, mas ele deve continuar a se desenvolver sem pular nenhuma etapa.

Existe uma regra a ser seguida no desenvolvimento do esporte: em cada idade, temos um estágio diferente que requer concentração. Usando informações desses estágios, podemos determinar o plano educacional para que a criança respeite as seguintes condições. Também é espiritual desenvolver-se mais naturalmente sob os limites da pessoa. (SILVA, 2005).

De acordo com a descrição de Galahhue e Ozmun (2003), a tabela a seguir mostra brevemente os vários estágios do desenvolvimento esportivo, o que é observado no Quadro 1

Quadro 1. Fases do desenvolvimento motor

FASES CRONOLÓGICAS	FASES SEQUENCIAIS DO DESENVOLVIMENTO
0 a 6 meses	Fase reflexiva: - etapa de codificação
6 a 12 meses	Fase rudimentar: -etapa de início do bloqueio de reflexos
1 a 2 anos	Fase rudimentar: - etapa pré-controle
2 a 4 anos	Fase de Movimentos fundamentais: - etapa inicial e elementar
4 a 6 anos	Fase de Movimentos Fundamentais: - etapa de maturação e maduro
7 a 10 anos	Fase de Movimentos Especializados: - etapa de transição
11 anos e acima	Fase de Movimentos Especializados: - etapa de aplicação - etapa de utilização
13 anos acima	Fase de Movimentos Específicos: - etapa cultural e especificidade.

Adaptado de Gallahue e Ozmun(2003)

3.1.2 Psicomotricidade

Como cúmplice no processo de superação das dificuldades de aprendizagem, os testes psicológicos ganharam mais destaque no ensino, porque tentam instilar as conexões cognitivas das crianças nas tarefas de esportes e consciência corporal. Castro, Viana e Alencar (2007) tentam determinar a psicomotricidade através de sua diversidade, e seu objetivo é ir além do escopo específico.

Portanto, a psicomotricidade concentra-se no indivíduo através de seu corpo, que está na relação entre deslocamento e ambiente, da fonte as aquisições intelectuais e afetivas, ao longo de vivências no universo dos sentidos. Mediante a educação psicomotora a criança poderá atingir autoridade corporal, comandando bloqueio voluntário e comunicação social.

De acordo com o serviço de experiência esportiva de Martins (2013) no desenvolvimento global, ele descobriu que os experimentos sensoriais esportivos são inerentes às circunstâncias pessoais. Nesse sentido, é possível entender o comportamento psicomotor com base na experiência sensorial mencionada, e eles também podem ser adaptados às estratégias de aprendizagem das crianças como meio auxiliar da estrutura gráfica.

Daolio (2010) afirma que a educação física escolar só irá analisar as condições fisiológicas do desenvolvimento motor, quando, obter competência das etapas em que as crianças passam pelo desenvolvimento e pela aprendizagem. Os autores acreditam que podemos operar passo a passo: primeiro, precisamos ensinar algumas habilidades motoras complexas, o caráter como os profissionais vão trabalhar esse campo vai ser a partir do desenvolvimento, sabendo que todas as crianças percorrem através do mesmo procedimento, ao comparar a interpretação do processo, pode haver situações em que a velocidade é instável, a fim de realizar o trabalho de profissionais do esporte em testes psicológicos nas escolas.

A razão pela qual se fala sobre o mundo é porque o tema mostra um desejo de combinar o conceito de ação mental e seus componentes emocionais e cognitivos com as habilidades motoras. Adicionando essas duas dimensões da sobrevivência humana (mental e esportiva), entende-se que o tema é entendido como uma identidade mente-corpo inseparável; leva ao estabelecimento de um compromisso de restaurar as dimensões mentais do corpo e a integração psicológica do corpo (SILVA, 2003, p. 1)

No século XIX com (Maine de Brian), começou estudos sobre psicomotricidade. Naquela era, ela já debatia a hipótese de apoiar o movimento como um item básico na estrutura do eu. Contudo, há sinais que Aristóteles (384-322 a.C) já lidava com estudos sobre o dualismo corpo e alma, alegava que o homem era feito de uma determinada matéria (corpo) e formado de alguma forma (alma) (OLIVEIRA, 2013).

Até logo, os médicos utilizavam o método “anatômico-cênico”, eles faziam comparações dos sintomas do paciente com prováveis lesões focais, no entanto, esse processo jamais podia explicar alguns acontecimentos patológicos. a partir de então originou a palavra “psicomotricidade”, em 1870, É essencial demonstrar as dimensões que devem nortear determinados fenômenos clínicos. Em 1900, por Wernik o termo psicomotricidade foi ocupado pela primeira vez, por Wernik para referir uma doença: fraqueza motora.

Desde logo começaram a notar que em alguns movimentos do corpo eles não são harmoniosos e tem movimento limitado ao concluir alguns movimentos, mesmo se não houver lesão cerebral. Em 1909, Dupré declara a autonomia da fraqueza motora, o que foi um grande avanço no campo da psicomotricidade. Além disso, o psicólogo Francês Henry Wallon inventou uma teoria que permite comparar o movimento do corpo com a afetividade, a emoção, ao meio ambiente e aos hábitos da pessoa.

3.1.3 Introdução da Psicomotricidade na Ginástica Artística

Entre as crianças, a prática de ginástica rítmica pode ajudar o desenvolvimento do esporte, de acordo com os regulamentos da Federação Brasileira de Ginástica (2007), este esporte possui uma variedade de métodos ordenados de exercícios físicos, aplicados e desenvolvidos para fins esportivos. Tem uma certa força, agilidade e flexibilidade.

Como testes de exercício de gravidade e equilíbrio, várias razões para interferir no equilíbrio corporal podem ser avaliadas, como núcleos de massa corporal e centro de gravidade (LEMOS; TEIXEIRA; MOTA, 2009). Para espalhar esse aspecto, isso pode ser alcançado treinando ações de autocontrole e planejando a execução correta por meio de outras habilidades físicas, como força e coordenação (MATSUI, 1996).

Em seguida, o desempenho psicométrico é expresso como um suporte sensorio-motor e desempenha um papel de liderança na formação da percepção, sensação e cognição, e é aplicado nas recompensas adaptativas do planejamento e programação anteriores. As habilidades e dificuldades das crianças constituem o aspecto psicomotor e implementam gradualmente os usos mais específicos da criança, fornecendo uma base para identificar e mediar as dificuldades de aprendizagem psicomotora (FONSECA, 1995).

3.2 História da Ginástica Artística

A Ginástica Artística (GA) é uma modalidade admirada por inúmeros telespectadores devido à sua quantidade de acrobacias e saltos sobre aparelhos que apresentam grande grau de dificuldade. Os ginastas estão desafiando constantemente as leis da física, tentando alcançar e ultrapassar os limites do seu corpo e dos aparelhos, criando movimentos cada vez mais afrontosos e complexos (NUNOMURA, 2002).

Esta modalidade possui seu início ainda na Grécia antiga com o objetivo de atingir a perfeição física, ou ainda, de preparar fisicamente os militares (ARAÚJO, FARO; 2009). Friederich Ludwig Christoph Jahn, se

consagrou o “pai da ginástica” ao inseri-la no meio esportivo, como modalidade competitiva, no início do século XIX. Jahn, ainda foi o pioneiro na criação de aparelhos usados ainda nos dias atuais. Sua contribuição também se deu, com a fundação de diversos clubes de ginástica na Alemanha (NUNOMURA, 2012).

Após ter sido considerada um esporte perigoso, a Ginástica foi proibida na Alemanha. Porém, já havia agregado inúmeros praticantes, os quais levaram sua prática para outros países da Europa. Em 1881, foi fundada a Federação Europeia de Ginástica (FEG) com intenção de consolidar a prática esportiva. 15 anos após a criação da FEG, em 1896, a ginástica foi apresentada nos Jogos Olímpicos de Atenas somente na modalidade masculina. As mulheres ganharam espaço, apenas em 1928 na edição dos Jogos na Holanda (PUBLIO, 1998).

No Brasil, a ginástica chegou em meio ao século XIX, através da colonização alemã na região Sul do país. Apesar de a modalidade já possuir praticantes, o início oficial GA no Brasil foi complexo por fatores como: espaço, aparelhagem, técnicos, entre outros. Logo, a ginástica brasileira sofreu para acompanhar a evolução da modalidade em um âmbito mundial, e sofre reflexos destes problemas até hoje. Conseguimos, apesar da história, nossa primeira participação olímpica em Moscou, no ano de 1980 (DIANNO, 1988).

A prática da GA pode ser dividida em dois extremos, em um temos a ginástica como esporte competitivo, com a finalidade de desenvolver as habilidades específicas com alta precisão técnica atendendo o grau de exigência do código de pontuação regido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). No outro, podemos denominá-la GA como atividade física, esta, porém possui caráter formativo, e busca por meio de sua prática, desenvolver habilidades motoras por meio de movimentos ginásticos (NUNOMURA, 1998).

Pode-se dizer que, nos dois polos da ginástica, o princípio da prática é o mesmo, mas sua abordagem é diferente. A técnica para realizar os movimentos é a mesma, entretanto no esporte GA, o grau de exigência é altíssimo, os atletas precisam estar sempre buscando a execução perfeita, onde os mínimos erros são inadmissíveis. Enquanto

na atividade GA, é exigido da criança, apenas que ela consiga realizar determinados exercícios, sem a exigência dos detalhes técnicos (NUNOMURA, 2010).

A GA, em seu campo competitivo, é praticada por homens: Ginástica Artística Masculina (GAM) e por mulheres: Ginástica Artística Feminina (GAF), cada modalidade com seu próprio código de pontuação, regido pela FIG, que é revisto, melhorado e atualizado a cada 4 anos sempre após os Jogos Olímpicos. O código é estruturado de forma em que a nota do atleta seja composta por Nota de Dificuldade (valor de um elemento) e Nota de Execução (maneira que se executa um elemento), sendo que no feminino ainda há a Nota Artística (beleza de uma série) (ARAÚJO, 2012; ARAÚJO, 2009).

Além dessa diferença em relação à pontuação, os aparelhos se diferem entre GAM e GAF. Para as mulheres foram destinados 4 aparelhos, que seguem esta ordem de competição: Salto sobre a mesa, Paralelas Assimétricas, Trave de equilíbrio e Solo. Já para os homens, são designados 6 aparelhos, na seguinte ordem: Solo, Cavalo com alças, Argolas, Salto sobre a mesa, Paralelas Simétricas e Barra Fixa (OLIVEIRA, 2011).

Outro ponto importante que difere a GA como esporte da GA como atividade, é o início de sua prática. Como esporte, as ginastas começam a treinar por volta dos 5 e 6 anos de idade. Ao completar seus 12 anos, passam a ter uma carga de treino de 20 a 40 horas semanais visando atingir seu pico de forma aos 16 e 17 anos (AMARAL, et al., 2006).

As crianças que praticam a GA como atividade, costumam praticar a modalidade, nas escolas na primeira infância e, na maioria das vezes, acaba sendo o único contato com a atividade. Muitos profissionais não visualizam as possibilidades de execução de elementos como primários de gestos motores básicos, e com isso, não conseguem dar continuidade ao ensino da prática nos anos seguintes, na maioria das vezes pois falta conhecimento em ginástica (SCHIAVON, 2003).

Em 1921, a ginástica foi oficialmente inserida no campo escolar brasileiro, por sua influência europeia, na época, a ginástica foi implantada no meio escolar como um dos principais conteúdos das aulas de

Educação Física, como meio de promover a saúde e retidão corporal. Entretanto, desde o século XX a prática vem perdendo espaço das aulas escolares (SILVA, 2016).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais a ginástica é considerada um conteúdo relacionado à cultura corporal, e deve possibilitar ao aluno refletir, criar, recriar e entender o mundo, valendo-se de um ensino voltado para inclusão e para o exercício de cidadania (PCNs, 1997). Assim, quando o objetivo do trabalho da GA resulta no aprendizado de movimentos básicos, a modalidade pode ser um conteúdo adequado para as aulas de Educação Física, pois possibilita a exploração motora, alta concentração e disciplina, além da noção espacial e autonomia desenvolvida pelas crianças (BEZERRA, et al., 2006).

Apesar dos inúmeros benefícios da prática da modalidade com ênfase em suas colaborações pedagógicas, a GA ainda enfrenta barreiras para ser de fato dissipada nas escolas do Brasil. Muitos professores ainda sem acomodam na fala de falta de infraestrutura dentro dos colégios, outros simplesmente não tiveram um bom ensino em sua graduação, ou até mesmo não tiveram o contato com a modalidade em sua formação acadêmica. É preciso que estes profissionais entendam que não é preciso um ginásio olímpico, ou total entendimento técnico da modalidade, basta que saibam utilizar seu espaço para desenvolver habilidades básicas, que possibilitem desenvolvimento integral dos alunos (LEITE, 2012).

3.3 Contribuição da GA para a Educação Física Escolar

A Ginástica Artística, é uma atividade multidisciplinar que, além de trabalhar habilidades motoras é capaz de melhorar as valências físicas dos praticantes (VIEIRA, 2013). Alguns autores, em seus estudos, mostram que a GA é uma atividade corporal que colabora para o desenvolvimento das crianças em diversos campos, e é uma prática base para diversos outros esportes e atividades (ANDRADE, 2010).

Apesar de ser uma modalidade, que no ambiente de competição é vista como esporte individual, no momento em que se está treinando como atleta ou por prazer, a GA passa a ser uma atividade trabalhada em grupo, e pode contribuir para o avanço motor, cognitivo, afetivo e social (JÚNIOR, et al., 2009).

Além disso, tratando a GA como atividade física, os alunos podem desenvolver com maior amplitude e eficiência suas ações tendo em vista, que a modalidade proporciona movimentos coordenados e enriquecidos, que progressivamente se transformam em elementos estruturados. Tais movimentos, são iniciados de forma natural e espontânea, fazendo com que as crianças passem por inúmeras ações motoras: giros no eixo longitudinal e transversal, equilíbrio, deslocamento, saltos, passagem pelo apoio e suspensão, balanços e entre outros (LEGUET, 1987).

Como o desenvolvimento motor não tem um padrão, ou seja, cada indivíduo tem seu tempo para atingir suas possibilidades motoras, ele sofre grande influência do meio. O professor é o instrumento principal para que este meio seja o melhor explorado possível, devendo estimular seus alunos ao máximo para que os mesmos, possam aumentar seu repertório motor, suas vivências e suas experiências (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Assim, o professor deve pensar e estruturar a atividade física de ginástica, de forma educativa, utilizando o conteúdo como ferramenta para alcançar um objetivo maior. Desta forma, pode fazer com que as crianças percebam e sintam capazes de realizar conscientemente suas próprias habilidades e aptidões motoras (SAWASATO; CASTRO, 2006; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2006).

Existe uma relação entre a GA e o desenvolvimento motor, que se dá, pois a variedade de movimentos locomotores e estabilizadores faz parte das ações gímnicas e também do conteúdo da Educação Física escolar (ANDRADE, et al., 2016).

O estímulo psicomotor nas aulas de Educação Física deve proporcionar aos estudantes a exploração do corpo e do ambiente

que os cerca, além disso, deve possibilitar o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais das crianças (BRASIL, 1998).

A Educação Física deve possuir uma relação com a GA através do corpo humano, diferenciando e compreendendo seus diversos sentidos e significados, logo a ligação dos movimentos com o corpo, pode sim ser promovida junto a esta modalidade (NASCIMENTO, 2010).

Dentre os objetivos do ensino da Educação Física, está o desenvolvimento de um pensamento crítico nas formas de ensino e aprendizagem do esporte como modalidade não competitiva, buscando sempre relacionar a prática com a solução de problemas no meio em que os alunos estão inseridos. Deve-se questionar primeiro "quais são as encenações do esporte e do movimento enquanto agente de ação social que está vinculado ao desenvolvimento dos jovens". Em seguida se pensa num cenário pedagógico para adequar o esporte (KUNZ, 2006).

Por ser vista sempre como uma atividade complexa, devido à sua aparição no meio do alto rendimento, a GA muitas vezes não é explorada nas escolas por falta de conhecimento da base de iniciação a esta modalidade. O professor deve encaminhar o conteúdo prático de maneira pedagógica (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005).

Portanto, para que a GA se torne uma prática viável é preciso buscar formas de se trabalhar seus fundamentos, fazendo com que os alunos sintam-se capazes de executar os movimentos propostos, levando suas resoluções pessoais para seu cotidiano, percebendo que podem solucionar situações corriqueiras de suas vidas. É necessário que haja uma mudança no olhar sobre a Ginástica Artística, deixando de lado a crença de que apenas as habilidades específicas podem constituir a prática (GALVÃO, et al., 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ginástica Artística costuma ser vista como um esporte de alto rendimento, ficando muitas vezes fora da realidade ou fora do alcance de muitas crianças. Entretanto, inúmeros autores têm discutido sobre sua aplicabilidade no ambiente escolar visando a vivência de estudantes com esta modalidade sem dar grande importância para a estética dos movimentos, mas sim no processo de aprendizagem dos mesmos.

A eficiência desta modalidade como ferramenta de estímulo ao desenvolvimento dos alunos não está ligada apenas aos aspectos motores, a GA também contribui com os aspectos psicoemocionais, trabalhando nos alunos a superação do risco durante a aprendizagem de acrobacias, a auto-confiança e a auto-estima (JUNIOR et al., 2012).

Entretanto, existem barreiras que precisam ser quebradas sobre a prática desta modalidade no ambiente escolar. Para muitos professores ainda é um grande desafio elaborar um plano de aula com este conteúdo, os educadores relatam que sua pouca vivência com a GA durante o curso de Educação Física não é suficiente para desenvolver métodos de ensino e aprendizagem com seus alunos (CESÁRIO et al., 2016).

Os professores têm buscado cada vez mais conhecimento através da literatura. A educação física no Brasil já venceu uma importante etapa que foi a criação de uma cultura acadêmica de publicações induzidas por programas de pós-graduação, todavia, é importante entender que ainda existe um longo caminho nesta história para alcançar marcas significativas para as ciências do esporte (TANI, 2014).

Sendo assim, este estudo de revisão pode ser visto como um incentivo aos professores, para que os mesmos possam se desafiar a aprender e ensinar as propriedades básicas da GA. Quanto maior produção de material de literatura para os profissionais da área de educação física sobre este tema, maior a chance desta modalidade ser abordada e desenvolvida em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. SANTOS, P. FERREIRINHA, J. Caracterização do perfil lesional em ginástica artística feminina: um estudo prospectivo das ginastas portuguesas de competição ao longo de uma época desportiva. **Rev. Port. Cien. Desp.**, v.9, n.1, p.43-51, 2006.
- ANDRADE, T.V.C. Um outro olhar sobre a ginásticaartística.In: II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, **Anais CAMPINAS** – São Paulo, 29 e 30 de junho de 2010.
- ANDRADE, T.V.C.; ROCHA, E.C.S.; ALVES,, M.P.; FONSECA, M.C.V. Ligações entre o ensino de ginástica artística escolar e o desenvolvimento motor de crianças: um estudo de revisão. **Rev. Práxis**, v.8, n.16, 2016.
- ARAÚJO, Leandro Fontebasse de. **a psicomotricidade como ferramenta pedagógica nas aulas de educação física**. 2014. 30 p. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/5888>. Acesso em: 3 mar. 2020.
- ARAÚJO,C.**Manual de ajudas em Ginástica**. 2a edição. São Paulo: Editora Fontoura®, 2012.
- BEZERRA, Leonardo Henrique Alves. **Psicomotricidade: a importância de trabalhar a lateralidade na educação física escolar**. 2013. 21 p. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/4575>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- BEZERRA, S. P.; FERREIRA FILHO, R. A.; FELICIANO, J. G. A importância da aplicação de conteúdos da ginásticaartística nas aulas de educaçãoofísica no ensino fundamental de 1a a 4a série. **Revista Mackenzie de EducaçãoFísica e Esporte**, v. 5, n. 3, p. 127-134, 2006.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998 a.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais/ Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998 b.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio/ Secretaria de Ensino Médio. Brasília: MEC/SEM, 1999.

CABRAL, S.V. **Psicomotricidade Relacional. Prática Clínica e Escolar.** 1a Ed. Rio de Janeiro, Revinter, 2001. Disponível em: <http://www.psicomotricidadederelacional.com/a-psicomotricidade-relacional>. Acesso em 15 mar. 2020.

CAMARGOS, KASSIA E. MACIEL, MENDES R. A importância da psicomotricidade na educação infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 1. Vol. 9. pp. 254- 275, outubro / novembro de 2016. ISSN. 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/a-importancia-da-psicomotricidade>. Acesso em 11 mar. 2020.

CARDOSO, José Tiago. A produção científica sobre psicomotricidade e seus reflexos no cotidiano de pré-escolas. 2004. 6 p. Pesquisa de iniciação científica (Graduação em Psicologia) - Unesp - Assis/SP, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia>. **Anais** do XIX ENCONTRO/78JOSETIAGOCARDOSO.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

CARVALHO, Lucas Campos de. **psicomotricidade no desenvolvimento motor das crianças na educação infantil.** 2015. 27 p. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) -

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7528>. Acesso em: 5 mar. 2020.

CASTRIOTO, Clarissa Martinichen. **a psicomotricidade como elemento principal no desenvolvimento de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2016. 28 p. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10684>. Acesso em: 5 mar. 2020.

CESÁRIO, M.; PEREIRA, A. M.; MORTARI, K. S. M.; HONORATO, T. Da constatação à intervenção: o ensino da ginástica no âmbito escolar. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 27, n. 1, p. 67-86, 2016.

DE ANDRADE, Florence Félix. **Psicomotricidade no ensino infantil: como utilizar o brincar como ferramenta didática?**. 2014. 24 p. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/5836>. Acesso em: 3 mar. 2020.

DIANNO, M.V. A Ginástica Olímpica no Brasil, **Revista Brasileira da Ciência e do Movimento**, São Caetano do Sul, v.2, n.2, 1998.

FAZAN, HENRIQUE F. FARIA, ANDREA M. A música e a psicomotricidade na Educação Infantil. **Revista Funec Científica – Educação**, Santa Fé do Sul (SP), v. 2, n. 4, p.2-9, jul./dez. 2016, Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/forum/article/download/1487/1470>. Acesso em 17 abr. 2020.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA (FIG). **Codeof points**. Montier: FIG, 2009.

FILHO, JULIÃO J. R. a importância da psicomotricidade no processo de aprendizagem do handebol através da ludicidade. **Revista Brasileira do Esporte**

FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.17, p. 42-52, dez.2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200004&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 abr.2020.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALVÃO A., WINNIE A., CUNHA F., CARMEN L. Possibilidades do ensino da ginástica artística nas aulas de Educação Física escolar a partir da Pedagogia Crítico-Emancipatória, 2009. Disponível em: http://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2/ALINE_WINNIE.pdf. Acessado em: 16 de Outubro de 2015.

JESUS, L.S.; DANTAS, V. M. C. S.; BEZERRA, A. A. C. Psicomotricidade na Educação Infantil: Um breve estudo sobre sua contribuição no desenvolvimento da aprendizagem. **10 Enfope Fopie**. Aracaju- SE, v. 10, n. 2. 2017.

JÚNIOR, C. F.; ALVARENGA, J. P. P.; VIANA, M. A. S.; NETO, N. T. A. A Ginástica Artística como conteúdo da Educação Física escolar. **Perp. Online: biol e saúde**, v.5, n.2, p.12-22, 2012. Disponível em: <https://www.seer.perspectivasonline.com.br>. Acesso em 10/Maio/2020.

JÚNIOR, M.S., BARBOZA, R. G., LORENZI, A. R., GUIMARÃES, G., SAYONE, H., FERREIRA, R. C., PEREIRA, E. L., FRANÇA, D., TAVARES, M., LYNDOSO, R. C., SOUSA, F. C. A cultura corporal em questão. Metodologia do Ensino de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p. 391-411, 2011.

KAPELINSKI, Beatriz Izabel; ROSA, Sandra Coppini. Psicomotricidade e o processo de Alfabetização. **Anais** do 8º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, Rio Grande do Sul, 15 jun. 2020. Disponível em: <http://200.132.146.161/index.php/siepe/article/view/22995/8531>. Acesso em: 7 abr. 2020.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças. Transformação didático-pedagógica do esporte.** - Didática da Educação Física, Unijuí, Ijuí - Porto Alegre, 2006.

LEGUET, Jacques. **As Ações Motoras em Ginástica Esportiva**, editora Manole Ltda. São Paulo. 1987.

LEITE, T. C. O olhar da criança para a vivência da ginástica artística na Educação Física escolar. In: IX ANPED Sul. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. **Anais**, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_e_Infancia/Trabalho/07_27_43_67_4-6682-1-PB.pdf. Acessado em: 10 de Maio de 2020.

LOPES, P.; OLIVEIRA, S. M.; NUNOMURA, M. Motivation and artistic gymnastics at school: the teacher's perspective. **Revista Brasileira da Ciencia e Movimento**, v.24, n.1, p.69-79, 2016.

MATOS, M.G.; NEIRA, M.G. **Educação Física Infantil: construindo o método na escola.** 7 ed. São Paulo, Phorte Editora. 2008.

MELO, A.M. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis.** 2 ed. São Paulo, Ibrasa, 2006

MONTANHA, EidyCleia. **A psicomotricidade e a educação física: fator que beneficia o desenvolvimento da criança na fase escolar.** 2013. 28

f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paranavaí, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4448>. Acesso em 9 mar. 2020.

MORAES, S. MALUF, MATOS M. F.. Psicomotricidade no contexto da neuroaprendizagem: contribuições à ação psicopedagógica. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 32, n. 97, p. 84-92, 2015 . Disponível em :http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em fev/2020.

NASCIMENTO, L.S.F. **Ginástica Artística: equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental**. 2010.104f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro Universitário La Salle- UNILASALLE, Canoas.

NEGREIROS, F.; SOUZA, C. M.; MOURA, F. K. L. G. Psicomotricidade e práticas pedagógicas no contexto da educação infantil: uma etnografia escolar. **Revista Educação e Emancipação**, v.11, n.1, 2018.

NUNOMURA, M. Ginástica Educacional ou Ginástica Olímpica. **Motriz**, Rio Claro, v.4, n.1, p.65-68, 1998.

NUNOMURA, M. Lesões na ginástica artística: principais incidências e medidas preventivas. **Motriz**, v.18, n.1, p.21-29, 2002.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P.D.S; CARBIATTO, M.V. Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.92-102, 2010.

OLIVEIRA, A. F. S.; SOUZA, J. M. A importância da psicomotricidade no processo de aprendizagem infantil. **Revista Fiar: Revista Núcleo de Pesquisa e Extensão Arquiemes**, v.2, n,1, p.125-146, 2013.

OLIVEIRA, Mauricio Santos e NUNOMURA, Myrian. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 80-97, dezembro de 2012.

PRADO, Gabriel Garcez. **Psicomotricidade: A importância do professor de educação física na educação infantil**. 2016. 6 f. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, [S. l.], 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10694>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PUBLIO, N. **Flexibilidade e desenvolvimento técnico na Ginástica Olímpica**. Dissertação- Mestrado em Educação Física, Escola de Educação Física e Desporto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

SANTOS, R, SEIXAS, S. & PISCALHO, ISABEL (2017). Contributos da psicomotricidade na intervenção precoce - estudo de caso. **Revista da UIIPS**, 5(1), 21-33. Disponível em: <<https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/2075>>. Acesso em 9 abr. 2020.

SANTOS, RITA. Deficiência Intelectual e Psicomotricidade: Uma revisão. **Revista da Sobama**, São Paulo, v. 13, ed. 2, p. 31-37, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mey_Van_Munster/publication/304379712_Deficiencia_Intelectual_e_Psicomotricidade_Uma_revisao/links/576d65ad08ae0b3a3b755156/Deficiencia-Intelectual-e-Psicomotricidade-Uma-revisao.pdf. Acesso em: 14 abr. 2020.

SCHIAVON, L.M, NISTA-PICCOLO, V.L. **Desafios da ginástica na escola**. In: Educação Física Escolar: propostas e desafios II / (Org.) MOREIRA, E.C. – Jundiaí, SP: Fontoura Editora, 2006.

SCHIAVON, L.M. **O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola.** 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SILVA, Daniele Araújo. **A importância da psicomotricidade na educação infantil.** 2013. 23 p. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/5857>. Acesso em: 27 fev. 2020.

SILVA, Luciana. **O Ensino da Ginástica Artística na Educação Física Escolar: Superando Limites.** 2016. 40. Monografia - Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

TANI, G. Editoração de periódicos em Educação Física/ Ciências do Esporte: dificuldades e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.36,n.4, p.715-722, 2014.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: Um olhar sobre a Ginástica Artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, maio 2005.

VIEIRA, M, B. A importância da ginástica enquanto conteúdo da Educação Física escolar. **Revista Digital**, Buenos Aires – v.18, n.180, 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acessado em: 10, de Maio, de 2020.

XAVIER, MINUZZO A. et al. psicomotricidade, consciência corporal e representação gráfica de crianças: uma revisão crítica. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande/RS, v. 18, ed. 1, p. 79-92, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/6523>. Acesso em: 3 mar. 2020.

CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC**

Declaração de aceite do orientador

Eu, RENATA APARECIDA ELIAS DANTAS, declaro aceitar orientar os discentes GABRIELA AGUIAR GENGNAGEL e LUÍS CARLOS DA SILVA FILHO no Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília UniCEUB.

Brasília, 22 de Junho de 2020.



ASSINATURA



CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA

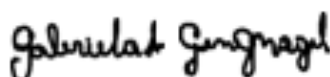
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de Autoria

Nós, Gabriela Aguiar Gengnagel e Luís Carlos da Silva Filho, declaramos ser os autores de todo o conteúdo apresentado no trabalho de conclusão do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Declaramos, ainda, não ter plagiado a ideia e/ou os escritos de outro(s) autor(es) sob a pena de ser desligado(a) desta disciplina uma vez que plágio configura-se atitude ilegal na realização deste trabalho.

Brasília, 26 de Junho de 2020.



Orientando



Orientando



FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC

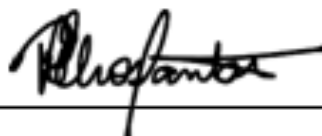
Eu, RENATA APARECIDA ELIAS DANTAS

venho por meio desta, como orientador do trabalho de Conclusão

de Curso: EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

autorizar sua apresentação no dia 26/06 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,



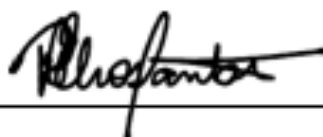
Professor Orientador



FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE TCC

Eu, RENATA APARECIDA ELIAS DANTAS venho por meio desta,
como orientador do trabalho de Conclusão de Curso: GINÁSTICA
ARTÍSTICA E A PSICOMOTRICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR
autorizar a entrega da versão final no dia 26/06 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,

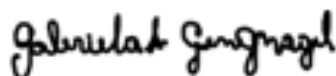


Professor Orientador



FICHA DE RESPONSABILIDADE DE APRESENTAÇÃO DE TCC

Nós, GABRIELA AGUIAR GENGNAGEL RA: 22009191, e
LUÍS CARLOS DA SILVA FILHO RA: 21604570, nos
responsabilizamos pela apresentação do TCC intitulado
Ginástica Artística e a Psicomotricidade no Ambiente
Escolar no dia 26 / 06 do presente ano, eximindo
qualquer responsabilidade por parte do orientador.



ASSINATURA



ASSINATURA

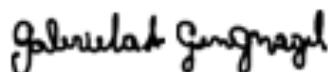


AUTORIZAÇÃO

Nós, Gabriela Aguiar Gengnagel e Luís Carlos da Silva Filho

RA 22009191, RA 21604570, alunos do Curso de Educação Física-
Licenciatura do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, autores do
artigo do trabalho de conclusão de curso intitulado Ginástica Artística e
Psicomotricidade no Ambiente Escolar, autorizo expressamente a
Biblioteca Reitor João Herculino utilizar sem fins lucrativos e autorizo o
professor orientador a publicar e designar o autor principal e os
colaboradores em revistas científicas classificadas no Qualis Periódicos –
CNPQ.

Brasília, 26 de Junho de 2020.



Assinatura do Aluno



Assinatura do Aluno

